

BORGES, Bruno de Alves. *Deus Me Livros. A bibliofilia na história da Universidade de Brasília*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2021.

Virna P. Sobral*

* Universidade de Brasília, doutoranda em Estudos Literários Comparados, Departamento de Teoria Literária e Literatura, Brasília, Distrito Federal - Brasil.

Recebido em: 10/01/2026

Aceito em: 22/02/2026

virnasobralxxi@gmail.com



Começamos pelo autor. Bruno Borges, atualmente doutorando em Metafísica pela Universidade de Brasília, é um apaixonado por livros desde pequeno, quando seu pai lhe contava histórias. Assim ele inicia seu *Deus Me Livros*. Seu pai, motivado a ler e escrever por um padre, em sua juventude, passou a escrever no *Livro de Crônicas* do Seminário que frequentou, lamentando que este, juntamente com a biblioteca, tenha sumido depois do Golpe de 1964. Aquela memória oral foi o que depositou em Borges as “sementes da bibliofilia”. Além disso, Borges viu, na década de 70, seu pai tendo que se livrar de parte de seu acervo em terrenos baldios de Brasília, por medo de ser torturado, como seus amigos. A partir daí, Borges entendeu, cedo, o valor da “bibliofilia” e dos livros “destruídos, descartados e perseguidos”.

Borges nos esclarece, em seu livro, que a bibliofilia é uma temática que tem surgido tanto em universidades quanto no mundo editorial. “Os livros, a leitura, as bibliotecas têm suas histórias e contam mais sobre nós e sobre o mundo do que aquilo que está escrito e procuramos neles” (Borges, 2021, p. 21-2). Uma história da biblioteca da UnB, assim como de sua contribuição ao ensino superior do Brasil, contudo, era algo ainda não contado, tarefa que Borges se dispôs a prestar.

A biblioteca da UnB, depois de existir em vários lugares como uma “coleção de emergência”, foi inaugurada em seu lugar atual em 1973. O primeiro responsável pela formação desse acervo foi Edson Nery da Fonseca, diretor da biblioteca, muito preocupado com que esta não fosse constituída por publicações “sem nenhum critério seletivo”. Darcy Ribeiro, o reitor, por um lado dizia que não havia limites para aquisição de livros, tendo o objetivo de fundar uma notável universidade. Naquele momento, a ideia era fundar uma biblioteca central, que existiria juntamente com outras bibliotecas.



Ela seria central, não única, como é hoje. A dificuldade inicial, porém, para a aquisição dos livros, é que os recursos eram na verdade limitados; as bibliografias mínimas dos cursos de Artes, Arquitetura, Letras e Ciências Humanas teriam que ser adquiridas pela universidade em uma disputa entre professores, uns mais influentes que outros. Assim começa a história da bibliofilia na UnB, que ia de encontro à presença de bibliotecas departamentais, culminando em uma centralização, especialmente após 1964. Em um episódio marcante, Nery da Fonseca defendeu ferozmente o recebimento da *JFK collection* e estudantes se reuniram em protesto, com o líder estudantil Honestino Guimarães, sendo reprimidos pela polícia em um confronto sangrento.

Em seu livro, Borges se propõe a discorrer sobre o acervo de cinco bibliotecas adquiridas pela UnB: a de Homero Pires, Pedro Moura, Agrippino Grieco, Carlos Lacerda e Eudoro de Sousa, expondo suas biografias, tudo o que foi dito a respeito de suas coleções e sua contribuição para a Biblioteca Central da UnB, com minúcias preciosas, além de notas sobre outras coleções, com prefácio de Sidney Barbosa. Há, ainda, um texto a respeito de Vera Pacheco Jordão (que também participou da constituição do acervo da BCE), a fim de dar voz às mulheres silenciadas na trajetória da bibliofilia. *Deus Me Livros* é um registro de anos de pesquisa e dados acumulados, não sem dificuldades. Fato muitíssimo interessante, nessas coleções, são as “marginálias”, anotações que esses bibliófilos faziam nas margens dos livros com considerações a respeito do que estavam lendo, além dos belos *ex libris* dos colecionadores.

Aqui, apenas uma pincelada a respeito dos acervos desses bibliófilos. A biblioteca de Homero Pires, composta de obras raras em sua maioria, como a *ruiana*, foi a primeira grande biblioteca comprada pela UnB, em 1963. Conforme Borges, a BCE preocupava-se, então, em enriquecer seu acervo comprando de particulares “preciosas coleções inexistentes no comércio”, desejando se destacar na composição de seu acervo.

Também em 1963 foi adquirida a biblioteca de Pedro Moura, grande germanista da década de 50, com obras raras e a maior *goetheana* da América Latina, além de completa coleção de cultura greco-romana. Há um caso deveras divertido sobre essa coleção. O Professor Eudoro de Sousa, ansioso em abrir as caixas recém-chegadas do acervo de Moura, o fez em uma noite, deixando pela manhã bibliotecários “atordoados”. Teve, então, discussão tão grande com o novo diretor da BCE, que decidiu matá-lo, saindo em seu encalço com um revólver. Contudo, o professor Roberto Lyra Filho sabiamente o aconselhou, dizendo que ele, Eudoro, helenista que era, deveria fazer jus a sua formação e matar o diretor com um dardo ou uma espada grega, dissolvendo assim toda a fúria de Eudoro, entre muitas risadas.

Agrippino Grieco, leitor incansável e crítico, tinha “personalidade áspera, mas bem humorada” (Borges, 2021, p. 77). Era frequentador assíduo da Quaresma, livraria visitada por Machado de Assis e Rui Barbosa, entre outros. Sua coleção, adquirida pela UnB no começo da década de 1970, possuía “de tudo”, de Homero a Taunay. Nery da Fonseca, que comprava coleções privadas de viúvas para montar o acervo da biblioteca da UnB, como as de Homero Pires e Pedro Moura, disse que a coleção de Grieco continha todas as “literaturas do mundo”.

Carlos Lacerda, que aos 16 anos trabalhava no *Diário de Notícias* com Cecília Meireles, tinha cuidado e interesse na difusão da bibliofilia. Sua coleção, obtida em 1979, é muito variada, composta por várias bibliotecas, desde livros raros até livros de viagem. Para Mário de Andrade, Lacerda era o maior escritor de sua geração. *A Casa do Meu Avô* era, para Carlos Drummond de Andrade, uma de suas grandes obras. A biblioteca de Carlos Lacerda foi a primeira a ser levada para o segundo depósito da UnB, e foi, em sua maior parte, dispersa no acervo geral da biblioteca da UnB, apesar dos pedidos de seus filhos para que ela fosse mantida como uma só coleção.

A coleção de Eudoro de Sousa, um dos maiores helenistas que já tivemos, foi uma das maiores a ser adquirida pela BCE, sendo hoje um terço da original. Fato importante que Borges narra foi o convite de Agostinho da Silva para que Eudoro de Sousa fosse lecionar grego e cultura antiga na UnB, no ano de sua fundação. Eudoro compartilhou sua biblioteca com a universidade, em troca de que esta comprasse exemplares que faltavam em suas coleções. Essa biblioteca tornou-se o Centro de Estudos Clássicos, lugar em que Eudoro, rodeado de alunos, ministrava lições. Esse Centro, infelizmente extinto em 1969, foi importante para o convívio entre o mestre e seus alunos, rodeados das melhores leituras. Após a morte de Eudoro, seu acervo também foi comprado pela UnB, integrando o acervo de Estudos Clássicos da BCE, em 1988.

Borges reflete, nas páginas de seu livro, quanto ainda existe por descobrir nas estantes da Biblioteca Central da UnB, e sobre a conservação e restauro necessários para suas coleções. Esta resenha fica muito aquém, claro, do livro de Borges. Em suas páginas há detalhes preciosos a respeito de cada uma dessas coleções, e também das relações entre os sujeitos envolvidos nas aquisições e formações desses acervos. Borges faz considerações importantes a respeito de como o acervo da BCE é tratado, com várias limitações que impedem seu usufruto completo por meio da comunidade acadêmica. Alguns acervos desapareceram de nossa memória, por ignorância, burocracia e descaso de vários tipos. Seu livro, prazeroso e necessário, abre o caminho para que outros pesquisadores desbravem segredos e relíquias que se encontram escondidos nas estantes e depósitos da BCE. Os livros são testemunho, como diz Borges, do melhor e do pior de nossas escolhas e histórias.

REFERÊNCIAS

BORGES, Bruno de Alves. *Deus Me Livros. A bibliofilia na história da Universidade de Brasília*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2021.